

A instalação da Universidade de Brasília na cobertura do jornal *Correio Braziliense* (1961-1962)

Cláudia Barreto Azevedo*

Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Juarez José Tuchinski dos Anjos**

Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Recebido em: 14 abr. 2024

Aprovado em: 22 set. 2024

Publicado em: 06 maio 2024

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar o processo de instalação da Universidade de Brasília através da cobertura jornalística do diário local, o *Correio Braziliense*. Que aspectos da instalação da Universidade foram cobertos pelo *Correio Braziliense*? Qual a posição do jornal em relação à instituição? Acerca da primeira questão, foi possível observar que, dentro do fenômeno histórico que se denominou de instalação da Universidade de Brasília, o *Correio Braziliense* cobriu aspectos burocráticos, acadêmicos e da cultura material da instituição. Sobre a segunda questão, pode-se afirmar que o jornal *Correio Braziliense*, seja no conjunto de matérias ou em colunas específicas como as de Ari Cunha, Katucha e Yvonne Jean, teve uma posição francamente favorável à instalação da Universidade de Brasília. Via nela um instrumento necessário para a consolidação da nova capital e, ao mesmo tempo, uma instituição formadora dos profissionais de que a cidade e o país necessitavam.

Palavras-chave: História da Educação. Universidade de Brasília. Correio Braziliense.

* Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília. Graduada em História pelo Centro Universitário de Brasília. E-mail: claudiabarretoazevedo@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0005-6896-0619>

 <http://lattes.cnpq.br/4907894599933335>

** Professor Adjunto da Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Departamento de Teoria e Fundamentos. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná; graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: juarezdosanjos@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>

 <http://lattes.cnpq.br/7560916850762011>

The installation of the University of Brasilia on the *Correio Braziliense* newspaper (1961-1962)

Cláudia Barreto Azevedo*

University of Brasília
Brasilia, Federal District, Brazil

Juarez José Tuchinski dos Anjos**

University of Brasília
Brasilia, Federal District, Brazil

Received: 14th Apr. 2024

Approved: 22th Set. 2024

Published: 06th May 2025

Abstract

The article aims to analyze the process of establishing the University of Brasília through the journalistic coverage of the local daily, *Correio Braziliense*. What aspects of the University's installation were covered by *Correio Braziliense*? What is the newspaper's position in relation to the institution? Regarding the first question, it was possible to observe that, within the historical phenomenon called the installation of the University of Brasília, *Correio Braziliense* covered bureaucratic, academic and material culture aspects of the institution. Regarding the second question, it can be said that the newspaper *Correio Braziliense*, whether in the set of articles or in specific columns such as those by Ari Cunha, Katucha and Yvonne Jean, had a position that was clearly favorable to the installation of the University of Brasília. He saw it as a necessary instrument for the consolidation of the new capital and, at the same time, an institution that trained the professionals that the city and the country needed.

Keywords: History of Education. University of Brasilia. Correio Braziliense.

* MA candidate in Education at the University of Brasília. BA in History at the University Center of Brasília. E-mail: claudiabarretoazevedo@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0005-6896-0619>

 <http://lattes.cnpq.br/4907894599933335>

** Associate Professor at the University of Brasília, College of Education, Department of Theory and Fundamentals. PhD in Education from the Federal University of Paraná; MA in Education from the Federal University of Paraná; BA in Theology from the Pontifical Catholic University of Paraná. Email: juarezdosanjos@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>

 <http://lattes.cnpq.br/7560916850762011>

Introdução

Em dezembro de 1961, após quase um ano de debates e discussões, em seminários, na imprensa e no parlamento, foi aprovada a criação da Universidade de Brasília (UnB). Idealizada pelos educadores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, ela nascia com a missão de ser uma “universidade necessária” (Ribeiro, 1969), capaz de renovar o ensino superior no país. De fato, enquanto as universidades então existentes originaram-se da reunião de faculdades isoladas, organizavam-se em torno de cátedras e eram, sobretudo, instituições de ensino, a UnB, espelhando-se no modelo norte-americano, se estruturaria em faculdades e institutos (Teixeira, 1961; Anjos, 2022a), compostos por departamentos, dentro dos quais ocorreriam atividades de ensino, pesquisa (inclusive em nível de pós-graduação) e extensão cultural. Era uma Universidade nova e planejada para uma cidade igualmente nova e planejada e que queria ser modelo para as demais.

A inauguração da Universidade, em 21 de abril de 1962, foi precedida por inúmeras medidas de caráter prático que tiveram de ser adotadas para que a Universidade pudesse ser instalada. Tal processo, até onde a historiografia sobre a UnB permite observar, em trabalhos como de Salmeron (2012); Bomeny (2016), Fonseca (2021) e Nóbrega *et al.* (2021), ainda não foi objeto de estudo, sendo a atenção dos historiadores geralmente colocada nos primeiros anos de funcionamento da instituição e, sobretudo, no processo de interrupção do seu projeto original quando do golpe civil-militar de 1964, que, de fato, teve nela grande impacto. Diante do exposto, o objetivo deste artigo, é analisar o processo de instalação da Universidade de Brasília tendo como fonte privilegiada a cobertura jornalística do diário local, o *Correio Braziliense*.

O jornal *Correio Braziliense* nasceu com Brasília, tendo seu primeiro número circulado no mesmo dia de inauguração da cidade, 21 de abril de 1960. Na ausência de outros veículos locais de comunicação impressa que lhe pudessem fazer frente, tornou-se rapidamente o principal periódico da nova capital (Cf. Morelli, 2002). Era um órgão dos *Diários Associados*, o maior conglomerado de mídia daquela época, dirigido pelo jornalista Assis Chateaubriand. Por essa razão

O Correio nunca teve uma posição ideológica exclusiva, mas alinhada à dos Diários Associados. Isso significa, em termos nacionais, segundo os estudos de Glauco Carneiro (1999), que esteve em alguns momentos favorável ao nacional desenvolvimentismo de JK, em confronto com o populismo de João

Goulart e abertamente pró-militares a partir do golpe de 31 de março de 1964 (embora com alguns recuos quando das investidas destes sobre os interesses comerciais dos Associados em meados da década) (Anjos, 2022b, p. 44).

Esse forte engajamento do diário com os governos de ocasião fez com que ficasse conhecido como um jornal “conservador e governista por tradição” (D’Amorim, 1993, p. 93). Isso não significa que críticas aos governantes estivessem ausentes em suas páginas, como no caso da coluna “Visto, Lido e Ouvido”, que tecia opiniões contundentes sobre os problemas da cidade em construção, como aqueles ligados à educação (Cf. Anjos, 2022c). Mas, acima de tudo, o jornal se preocupava em oferecer um jornalismo de serviço, que ajudasse na consolidação de Brasília como nova capital (Cf. Morelli, 2002). Por essa razão, seus editores e jornalistas estiveram atentos a tudo que poderia trazer benefícios à cidade, como foi o caso da Universidade de Brasília, razão pela qual deram ampla cobertura não só ao seu processo de criação, mas, também, de instalação. Dito isso, emergem as questões: que aspectos da instalação da Universidade foram cobertos pelo *Correio Braziliense*? Qual a posição do jornal em relação à instituição? São essas as perguntas norteadoras que nos guiarão na indagação do *Correio Braziliense* como testemunha histórica deste estudo.

O método de análise consistiu na consulta às edições do *Correio Braziliense* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Utilizando a ferramenta de busca por palavras-chave disponível no repositório, lançamos mão dos descritores “Universidade de Brasília” e “UnB”, que retornaram notícias e matérias relativas à instituição nos seus primeiros anos de funcionamento. Para esta pesquisa, selecionamos as notícias que abordavam o processo de instalação da Universidade e que foram interrogadas para a elaboração da narrativa histórica. Não ignoramos nesta forma de pesquisa, os riscos de uma história digital praticada com o recurso a palavras-chave, que pode resultar em dados precários e fragmentados (Cf. Brasil; Nascimento, 2020) já que a ferramenta de busca não retorna todas as referências existentes, embora se possa obter grande parte delas. Por outro lado, nos apoiamos em Carlo Ginzburg (1991) para quem a pesquisa pelo fio do nome – no nosso caso, as palavras-chave – permite identificar, nos labirintos da história, o tecido de relações sociais em que a Universidade de Brasília e os sujeitos que atuaram no seu processo de criação estavam envolvidos, revelando-nos não a história em sentido absoluto, mas uma possibilidade histórica (Cf. Davis, 1987). Assumimos, assim, ser uma perspectiva explicativa sobre a instalação da Universidade de Brasília a história que nesta pesquisa entendemos ter sido possível relatar e interpretar nas páginas que seguem, a partir dos procedimentos metodológicos adotados e das evidências assim mobilizadas.

As providências burocráticas para a instalação da UnB

O senador Jarbas Maranhão, em seu parecer recomendando a aprovação da criação da Universidade de Brasília, assim se expressou sobre a singularidade da instituição, que nascia organizada como Fundação autônoma, no contexto do ensino superior brasileiro de então:

Numa universidade nova como a de Brasília, que não surgirá da reunião nominal de escolas pré-existentes, mas, parte do ponto zero, estes princípios podem ser inteiramente adotados como diretrizes básicas de estruturação. Sua adoção importará em emprestar-lhe a necessária flexibilidade para diversificar as modalidades de formação superior, elevar o nível de ensino, melhor utilizar o equipamento e o pessoal docente e, deste modo, contribuir mais e melhor para o desenvolvimento do saber e para o autoconhecimento do Brasil (Universidade de Brasília, *CB*, 12 dez. 1961, p. 3).

Por sua vez, o presidente João Goulart, em seu discurso quando da sanção da lei que criava a UnB, exaltou “o caráter novo e revolucionário da nova universidade e sua missão fundamental de integração nacional através da ampliação das oportunidades, de educação e preparo cultural da juventude brasileira” (Importantes leis sancionadas pelo chefe do executivo, *CB*, 17 dez. 1961, p. 5). No seu conjunto, essas falas, publicadas no *Correio Braziliense*, visavam destacar aos leitores a originalidade do projeto da Universidade de Brasília bem como as expectativas que pairavam sobre ela no que dizia respeito ao desenvolvimento do país pela via da educação universitária. Cabia, agora, organizar a burocracia administrativa para que essa Universidade funcionasse, tema de que se ocupou o diário brasiliense em várias ocasiões.

“A Nota Oficial da Presidência do Gabinete”, publicada no *Correio Braziliense* em 6 de janeiro de 1962, informava sobre um grupo de membros do Conselho Diretor da UnB e seu significado para a cidade. Era evidente na notícia que o ato era intencionalmente um apoio ao governo, que pretendia consolidar rapidamente a cidade e a UnB na Capital Federal (Conselho: Brasília é irreversível, *CB*, 1 jan. 1962, p. 1). Esse entendimento é fortalecido pela rapidez na posse do Conselho Diretor da universidade já no início de janeiro, poucos dias após a publicação da Lei de criação da UnB no Diário Oficial (Publicada a lei que criou a Universidade de Brasília, *CB*, 24 dez. 1961, p. 8), e com a manifestação do Governo publicada no jornal no dia seguinte, intitulada “Reafirmação” (*CB*, 7 jan. 1962, p. 4):

Manifestou o Governo, ao empossar os membros do Conselho da Universidade de Brasília, o seu interesse em manifestar “por todos os meios e

em quaisquer oportunidades, sua determinação inabalável de fazer da contemplação das obras de Brasília e do incremento da mudança da administração pública para a nova Capital ponto de honra do seu programa de ação”.

Em continuação:

A reafirmação do Conselho, de fé nos destinos de Brasília, de inamovibilidade dos melhores desígnios mudancistas, deve seguir por aquelas providências que respondam a um grave reparo, feito por toda imprensa e pela opinião pública, segundo a qual o Executivo ainda não se acha plenamente instalado no Distrito Federal (CB, 7 jan. 1962, p. 4).

Na organização burocrática prevista para a Universidade de Brasília, o Conselho Diretor era o órgão máximo, responsável pela administração da instituição, “composto por 6 (seis) membros e 2 (dois) suplentes, escolhidos, uns e outros, entre pessoas de ilibada reputação e notória competência e se renovará, cada 2 (dois) anos, pela sua metade”. O presidente do conselho seria, também, o Reitor. Caberia a esse Conselho a elaboração dos Estatutos da Universidade, escolha do Vice-Reitor e a gestão da instituição, coadjuvado pelos coordenadores das faculdades e institutos.¹ Assim, nada mais natural que a primeira medida concreta para a instalação da UnB tenha sido a instituição desse conselho, cuja divulgação nas páginas do *Correio Braziliense* visava materializar aos leitores a irreversibilidade tanto da Universidade como da cidade que a abrigaria.²

Após a posse do Conselho Diretor da Universidade e a eleição e posse do Conselheiro Darcy Ribeiro como Presidente da Fundação Universidade de Brasília, a instalação da UnB se tornava uma realidade ainda mais concreta: já não era uma discussão e não precisava mais tramitar no Congresso. Já se percebia a opinião da imprensa local, favorável à UnB e ao governo, sobre a posse do Conselho e a escolha do Reitor da UnB, que viria a recair sobre Darcy Ribeiro. Ari Cunha³ escreveu com a intenção de reforçar a escolha do principal representante da instituição: “Justíssima, a eleição do sr. Darcy Ribeiro para Reitoria da Universidade de

1 Lei n. 3998 de 15 de dezembro de 1961. In: UnB (Org.). *Plano orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora da UnB, 1962.

2 Não se pode esquecer, porém, que apesar da retórica do *Correio Braziliense*, a efetiva consolidação da capital só viria com o golpe civil-militar de 1964, que faria da nova capital um dos símbolos do novo regime. Ademais, para os militares, uma capital longe do litoral era estratégica tanto do ponto de vista administrativo quanto de defesa.

Brasília. Foi o idealizador, principal trabalhador, e está com toda a disposição para fazer de nossa Universidade um exemplo para as demais” (Visto, Lido e Ouvido, *CB*, 7 jan. 1962, p. 9).

É perceptível que a UnB se tornou umas das notícias mais “quentes” da cidade: a quantidade de publicações realizadas pelo jornal *Correio Braziliense* sobre o assunto aumentou significativamente no ano de 1962 em comparação aos anos anteriores, visando destacar o início das ações e obras da Universidade, bem como a pressão para que a opinião pública fosse favorável à nova instituição.

A colunista Katucha,⁴ assim como Ari Cunha, ambos profissionais atuantes no jornal *Correio Braziliense*, mostrava-se notadamente apoiadora e reforçadora da atuação de Darcy Ribeiro como peça fundamental no processo de concretização e instalação da Universidade. Na notícia publicada em 10 de janeiro de 1962, a jornalista registrou o início das atividades de Darcy como Reitor da Universidade, ocasião em que ele ofereceu um jantar aos membros do Conselho Diretor da UnB e a algumas autoridades, como os Ministros Victor Nunes, Ciro dos Anjos, e o Ministro da Educação e Cultura, Oliveira Brito (*Sociais de Brasília, CB*, 10 jan. 1962a, p. 7). Era um momento de celebração, mas, também, de início dos trabalhos do Conselho Diretor, dentre os quais, estava a organização acadêmica necessária para o início do funcionamento da UnB, já naquele ano de 1962, como veremos a seguir.

As providências acadêmicas para a instalação da UnB

No dia 15 de janeiro de 1962, o Decreto nº 509, do Presidente do Conselho dos Ministros, aprovou os Estatutos da Fundação Universidade de Brasília (FUB), sendo publicado com destaque nas páginas do *Correio Braziliense* e na íntegra. No dia seguinte, em 16 de janeiro de 1962, a UnB demonstrava que suas atividades já haviam iniciado ao anunciar a abertura das inscrições para o primeiro vestibular da instituição (Assinado decreto da fundação da Universidade de Brasília, *CB*, 16 jan. 1962, p. 5). A universidade já estava em ação, como pode ser observado no comunicado divulgado sobre o vestibular:

3 Ari Cunha era redator chefe do *Correio Braziliense* e assinava uma coluna de opinião com ácidas observações sobre as necessidades da capital intitulada “Visto, Lido e Ouvido”. Ver, a este respeito, Anjos (2022c).

4 Katucha era o pseudônimo de Talita Aparecida Abreu, funcionária do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários que, chegando à Brasília em 1959, tornou-se a primeira cronista social da cidade, assinando no *Correio Braziliense* a coluna “Sociais de Brasília” (Cf. Vasconcelos, 1983).

A Universidade de Brasília vem comunicando que estão abertas as inscrições para os exames vestibulares aos cursos de: Direito, Administração, Economia e Finanças, Arquitetura e Urbanismo, Letras Brasileiras.

Os candidatos deverão comparecer à sede provisória da Secretaria dos Cursos, no 8º andar do Edifício do Ministérios da Educação e Cultura, das 9 às 11h ou das 15 às 17 horas, nos dias úteis, a partir de 17 do corrente, para preencher a ficha de inscrição e tomar conhecimento das exigências do concurso de habilitação (Universidade do D. F.: exames vestibulares, *CB*, 16 jan. 1962, p. 8).

Na sequência ocorreram várias divulgações sobre a abertura das inscrições do vestibular, detalhando sempre o local, hora, datas e documentação exigida. Além disso, ficou evidente a efetiva realização das atividades com a atuação da Secretaria dos Cursos e a disposição de uma localização (física) da universidade para executar suas atividades. Mesmo o edifício do Ministério da Educação e Cultura não sendo o local definitivo da instituição, já indicava a sua concretização e o forte apoio recebido do governo federal.

Yvonne Jean, belga naturalizada brasileira, à época colunista de “Esquina de Brasília” e de “Correio Estudantil” do jornal *Correio Braziliense* – uma jornalista nitidamente favorável à UnB, trazida à Brasília por Darcy Ribeiro para trabalhar no setor de extensão cultural da Universidade –,⁵ buscou explicar aos leitores como foi o início das inscrições no Ministério da Educação, fornecendo detalhes sobre o sistema flexível que a universidade oferecia e divulgando a opinião dos candidatos. Nas palavras de Yvonne, para este primeiro vestibular:

Quando os jornais anunciaram que os candidatos aos cursos da nova Universidade de Brasília podiam se inscrever para o exame vestibular, uma verdadeira multidão invadiu o Ministério da Educação. Nada menos que 120 candidatos apresentaram-se no primeiro dia e o movimento continua. Antes, de preencher os formulários, todos pedem informações detalhadas e um jovem, após ouvi-las atentamente exclamou:

– Puxa! É tão bom que a gente nem acredita! Então será, mesmo, uma universidade “bossa nova”? (Esquinas de Brasília. Universidade “Bossa Nova”, *CB*, 21 jan. 1962, p. 4).

5 Sobre a atuação de Yvonne Jean nas colunas que assinava no *Correio Braziliense*, especialmente no campo educacional, ver Barbosa (2021) e Anjos (2024).

A colunista deu destaque ao surgimento da primeira construção da universidade e expressou todo seu apreço sobre o que a universidade representava:

E falando em realizações concretas, tive a oportunidade de observar o nascimento do primeiro prédio da futura cidade universitária de Brasília. Os idealizadores, administradores e construtores da universidade estão mais entusiasmados, ainda, que os futuros estudantes. Decidiram que os cursos deveriam funcionar, quanto antes, em local próprio, desde o início, em março, se possível, e, no pior dos casos, umas poucas semanas após sua inauguração em prédio próprio.

Tenho a esperança que consegui transmitir ao leitor o entusiasmo que me empolgou também a mim, ao observar todas essas medidas que são o primeiro passo em direção à realização de uma universidade renovada e renovadora que será, sem dúvida, um centro piloto para toda a América Latina (Esquinas de Brasília. Universidade "Bossa Nova", *CB*, 21 jan. 1962, p. 4).

Nos dias 19 e 20 de janeiro de 1962 foi lançada uma matéria extensa e notadamente destacada na página do jornal, descrevendo as atividades programadas para a Universidade de Brasília naquele ano e expondo as metas de inauguração, em 1964, dos Institutos Centrais e serviços auxiliares que seriam necessários ao início dos cursos no novo modelo de ensino superior (Divulgados os planos para 62 da Universidade de Brasília, *CB*, 19 jan. 1962, p. 7). Ainda na descrição dos planos, intentando evitar atrasos nas atividades e não prejudicar ainda mais a população, o Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília deliberou por instituir imediatamente cursos transitórios em 1962 que futuramente seriam absorvidos pelos institutos centrais e faculdades (*Idem*). É presumível que esta foi uma forma de mitigar o prejuízo pelo atraso da construção de uma universidade na capital e ao mesmo tempo parecia ser um meio de não perder a força para instalação efetiva da instituição e da Capital Federal em Brasília. Salmeron (2012, p. 77) considerou que em detrimento das incertezas políticas do Brasil com a mudança da Presidência da República existia uma preocupação e desconfiança de que a universidade fosse adiada. "A situação era ambígua: [...] seria imprudente não iniciá-la, porque ela poderia ser muito retardada ou até desaparecer mesmo antes de existir". Por fim, a universidade iniciaria suas atividades sem seguir o que foi proposto originalmente em seu projeto para poder atender as demandas aparentemente urgentes do ensino superior em Brasília (Divulgados os planos para 62..., *CB*, 19 jan. 1962, p. 7).

De fato, esse contexto confirma que não pretendiam esperar a conclusão da construção da cidade universitária para iniciar o funcionamento da instituição de ensino. Este foi um momento em que divulgaram os planos de funcionamento para que a comunidade tivesse conhecimento e se preparasse. Como não era surpresa, a Universidade foi apresentada

como algo diferenciado, os planos incluíam muitas novidades.

Quanto aos Cursos Transitórios, nos planos para 1962, os dirigentes da Universidade buscaram mostrar que foram resultado de avaliações das condições de atendimento para um ensino qualificado. Após isso, decidiram criar três cursos-tronco: Direito, Administração e Economia; Arquitetura e Urbanismo; e Letras Brasileiras. “Todos eles serão ministrados através de programas comuns de dois anos de estudo, ao fim dos quais o aluno fará opção definitiva pela carreira que deseja abraçar, dentro do campo anteriormente escolhido” (Divulgados os planos para 62..., *CB*, 19 jan. 1962, p. 7). Na ocasião, para cada Curso Tronco foram apresentados os cursos oferecidos para matrículas parceladas do primeiro e segundo semestre de forma a oportunizar a consulta e escolha dos futuros alunos da instituição (*Idem*).

A notícia detalhou também os objetivos dos cursos transitórios e divulgou o funcionamento para realização das disciplinas, que “em lugar do sistema de anos-séries, os cursos serão dados semestralmente e a inscrição dos alunos se fará por disciplinas parceladas. Assim a aprovação ou reprovação se avaliará por disciplina, e não por termo semestral ou série-ano” (Divulgados os planos para 62..., *CB*, 19 jan. 1962, p. 7). Além disso, a matéria explicou que cada aluno teria um professor-orientador e que poderia escolher as disciplinas que desejasse (máximo 4 para formação e mínimo 1 de cultura geral). Esta flexibilidade do aluno em escolher as disciplinas poderia ser feita apenas nos dois primeiros anos, após este período ingressaria na segunda parte do curso considerado profissional em que precisaria ter pelo menos 10 disciplinas como formação básica de carreira (*Idem*). Para completar a apresentação do Plano, em 1964, previa-se Inaugurar o Conjunto de Institutos Centrais – Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras e Artes – e dos Serviços Auxiliares, que passariam a absorver os cursos transitórios (*Idem*).⁶

O edital para o primeiro vestibular da UnB foi lançado e o exame estava previsto para acontecer nos dias 26 e 27 de fevereiro – sem segunda chamada (Marcados para 2ª feira exames vestibulares na Universidade, *CB*, 24 fev. 1962, p. 6). No dia 8 de fevereiro de 1962, o *Correio* divulgou uma notícia mostrando aos leitores entusiasmo e espanto em relação às inscrições do vestibular: o número de inscritos teria ultrapassado os 1000 candidatos, algo que, segundo a reportagem, não se esperava (Mais de Mil candidatos inscritos para a

6 Para maiores detalhes sobre o itinerário formativo dos cursos propostos nesse momento para a UnB, vale a pena consultar o Plano Orientador da Universidade de Brasília (UnB, 1962) que apresenta a “Estrutura da Universidade de Brasília”, “As Vantagens do Sistema Duplo e Integrado”, o “Programa dos Cursos para 1962”, o quadros com as “vias de acesso à Universidade de Brasília” planejadas para acontecer com a conclusão de todas as obras da Cidade Universitária e outras informações que mostram toda dinâmica planejada e orientadora para instituição.

Universidade de Brasília, *CB*, 8 fev. 1962, p. 8).

As notícias sobre o início dos exames do vestibular ocuparam lugar de destaque no jornal naquele período devido ao grande número de inscritos e por ser o primeiro processo seletivo estudantil da UnB. Katucha apresentou as palavras do Reitor da UnB sobre o certame: “O professor Darcy Ribeiro, Reitor da Universidade, acha que o interesse despertado na população da Capital já é uma garantia de sucesso” (Sociais de Brasília, *CB*, 27 fev. 1962, p. 9). Em seguida, em outra publicação, a jornalista reforça a declaração de Darcy “Cerca de mil e duzentos candidatos compareceram às provas de habilitação para o curso vestibular intensivo da Universidade de Brasília” (Sociais de Brasília, *CB*, 1 mar. 1962, p. 7). O resultado da seleção foi divulgado à imprensa no dia 22 de março de 1962, na publicação constou a lista completa dos aprovados e a convocação dos alunos para instruções (Revelados novos nomes dos candidatos aprovados à Universidade de Brasília, *CB*, 23 mar. 1962, p. 8).

Conforme as últimas notícias iam mostrando as atividades da instituição já em andamento e instaladas em locais mesmo que provisórios, a efetivação da Universidade de Brasília na cidade ia se tornando evidente. A velocidade com que iniciaram o período de inscrição do vestibular, a instalação da secretaria do Ministério da Educação, a montagem da biblioteca, o progresso das obras na Cidade Universitária para entrega em abril e a realização das provas dos primeiros candidatos só reforçam que a UnB já estava atuando para cumprir seus objetivos. Certamente, o verdadeiro marco da instalação da UnB foi o início das atividades acadêmicas em 9 de abril de 1962, em um local provisório nos ministérios (Universidade iniciará cursos dia 9, *CB*, 31 mar. 1962, p. 1). Já o Curso de Arquitetura e Urbanismo iniciou suas aulas com algumas matérias em 9 de abril (supletivo), enquanto outras disciplinas específicas de formação começaram em 23 de abril, na Cidade Universitária (Curso de arquitetura inicia-se amanhã, *CB*, 8 abr. 1962, p. 4). Desta forma, o início das aulas “evidenciou-se, mais uma vez, o interesse existente no seio da população de Brasília pela Universidade. Cerca de 450 alunos estudarão nos cursos” (Iniciadas ontem as aulas na Universidade de Brasília, *CB*, 10 abr. 1962, p. 7). Esses acontecimentos, conforme narrados pelo *Correio Braziliense* reforçavam aos leitores que a UnB estava ganhando seu lugar, pois as aulas foram iniciadas antes mesmo da inauguração da cidade universitária e sem a realização de uma cerimônia oficial, conforme consta na notícia do dia 31 de março de 1962:

A Universidade de Brasília comunica que os cursos-tronco de Direito, Economia e Administração e de Letras Brasileiras iniciarão suas aulas no dia 09 de abril no 3º andar e 4º andar do bloco 11 da Esplanada dos Ministérios (Edifício do Ministério das Relações Exteriores). Não haverá nenhuma solenidade

marcando o início das aulas (Universidade iniciará cursos dia 9, *CB*, 31 mar. 1962, p. 1).

Paralelamente a essas providências de ordem acadêmica, necessárias para o início do efetivo funcionamento da UnB, outras, de ordem material, também tiveram de ser tomadas e foram acompanhadas de perto pelos jornalistas do *Correio Braziliense*, como veremos na seção a seguir.

As providências materiais para a instalação da UnB

Muito do que vimos na seção anterior pode ser categorizado como a cultura escolar (Cf. Julia, 2001) universitária que se estava propondo para a Universidade de Brasília. Para lhe dar sustentação, porém, uma outra cultura tornou-se necessária: a cultura material, que segundo Jean-Marie Pesez (1990, p. 113), “tem uma relação evidente com as limitações materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais este opõe uma resposta que é precisamente a cultura”. Ou melhor, uma cultura material escolar universitária, entendida aqui como os equipamentos arquitetônicos e demais artefatos materiais (como material didático, mobílias etc.) de que era preciso dotar a UnB para que funcionasse de acordo com as diretrizes acadêmicas para ela pensadas. As providências adotadas para a produção dessa cultura material escolar universitária não passaram despercebidas pelo *Correio Braziliense*, que tratou de também apresentá-las aos seus leitores.

Na matéria “Prevista para abril a inauguração dos prédios da Universidade de Brasília”, do dia 26 de janeiro de 1962, Darcy Ribeiro declarou que o Ministro Oliveira informou que no dia 2 de abril a Cidade Universitária contaria com dois conjuntos de prédios para realização das suas atividades. Este momento marcava o início da construção da cultura material da universidade, destacando que em apenas 60 dias concluíram as obras:

O primeiro conjunto, de cerca de cinco mil metros quadrados, em alvenaria e cimento armado, constará de salas de aula, Biblioteca, Restaurante, Reitoria e Auditório para 250 pessoas. O segundo compõe-se de casas pré-fabricadas para residência de 50 instrutores e de 10 apartamentos para professores (*CB*, 26 jan. 1962, p. 8)

Outra dimensão importante da cultura material da instituição é o que diz respeito à instalação provisória da Biblioteca, sendo considerada pelo *Correio Braziliense* como uma das peças mais importantes da UnB:

Sob a orientação da bibliotecária Doris Queirós de Carvalho está sendo organizada, desde já, a Biblioteca da Universidade de Brasília, por enquanto instalada no oitavo andar do Bloco 1 dos Ministérios.

O fato não pode deixar de ser registrado como dos mais relevantes como fase da implantação da Universidade que deverá ser dentro de pouco tempo, o núcleo de irradiação da cultura brasileira no país e no continente latino-americano (Mais de mil candidatos inscritos para a Universidade de Brasília, *CB*, 8 fev. 1962, p. 8).

A infraestrutura, o corpo docente e técnico foram prontamente estabelecidos para iniciar as atividades. É evidente que a instituição contou com amplo apoio governamental, político e social, o que facilitou sua realização. Por fim, a solenidade de inauguração aconteceu no dia 21 de abril de 1962, junto ao aniversário de Brasília, data que era prevista a transferência dos cursos para as instalações definitivas (Universidade iniciará cursos dia 9, *CB*, 31 mar. 1962, p. 1; Iniciadas ontem as aulas na Universidade de Brasília, *CB*, 10 abr. 1962, p. 7).

Na solenidade de inauguração, o Reitor Darcy Ribeiro fez seu discurso no auditório “Dois Candangos”, obra recém-concluída que, segundo informações do discurso do Reitor, teve sua finalização 20 minutos antes do início da cerimônia (Iniciadas ontem as aulas na Universidade de Brasília, *CB*, 10 abr. 1962, p. 7). A UnB, nessa altura, já contava com 8 salas, além do auditório, espaços para secretaria e edifícios – um para alojamentos professores, um para os alunos e um para o refeitório, restaurante e lavanderia (Candangos homenageados, *CB*, abr. 1962, p. 2). Todos os espaços construídos na universidade foram realizados rapidamente e utilizando de materiais e projetos mais modernos. Com o intuito de destacar o esforço na construção da UnB e divulgá-lo ao público em geral, Yvonne Jean publicou uma matéria na coluna Esquina de Brasília.

Com quanta ternura e cooperação preparou-se o auditório! Não nos esqueçamos de todos esses prédios - salas de aulas, reitoria, administração, auditório, alojamentos para estudantes e professores, restaurante - foram erguidos em 60 dias. Lembremos que o auditório ficou pronto vinte minutos antes da cerimônia de inauguração!

Era animador observar, nos últimos dias e noites, o trabalho da equipe que unia construtores e professores, operários e estudantes num verdadeiro mutirão, em torno da sopa de meia-noite (Esquina de Brasília. Mutirão, candangos e buritis, *CB*, 21 abr. 1962, p. 4).

Em continuação: “Os próprios operários trabalhavam de maneira diferente. Sentiam-se que cooperavam em algo grande e importante que talvez chegasse a transformar a vida de seus filhos” (Esquina de Brasília. Mutirão, candangos e buritis, *CB*, 21 abr. 1962, p. 4).

Como se vê, é em tom quase de epopeia que Yvonne Jean descreve as atividades realizadas para que a construção dos prédios da UnB fosse finalizada, visando, sem dúvida, angariar a simpatia dos leitores para com as obras que estavam materializando a Universidade tão acalentada para a nova capital.

Na reportagem “Construção da Universidade obedeceu ao ritmo Brasília” de 21 de abril de 1962, o *Correio Braziliense* evidencia traços da cultura material da Universidade em plena construção:

Em menos de cinquenta dias os técnicos e os operários entregaram 6 edifícios: o bloco central com 80 por 60 metros, um auditório com capacidade para 250 pessoas, dois blocos residenciais para professores e alunos com todas as instalações necessárias, uma cozinha e prédios da administração. No auditório, onde morreram dois candangos no dia 5 de abril, fizeram-se várias experiências novas em arquitetura: o arquiteto Sérgio Ribeiro recebeu, em uma semana, um tipo novo de cadeira, é uma peça inteiramente revolucionária em mobiliário: um assento de couro suspenso num arco de ferro que faz às vezes de braço da poltrona.⁷

A produção dos móveis da UnB teve seu diferencial, pois tudo o que se construiu para a Universidade foi organizado e planejado de perto pelo Reitor da UnB e por Lúcio Costa. O responsável pela criação e materialização dos primeiros móveis da universidade foi o designer Sérgio Rodrigues. Segundo Marcelo *et al.* (2023, p. 14) o designer “a princípio, sugeriu Darcy comprar todo o mobiliário, inclusive as poltronas, em lojas especializadas em São Paulo, mas este o convenceu de que era fundamental que desenvolvesse uma linha de móveis para a UnB, que seria denominada mais tarde linha UnB”. Esse foi o primeiro profissional que atuou na criação de móveis para a Universidade de Brasília, na sua maioria eram móveis específicos e exclusivos, que deram uma característica única aos ambientes da instituição. Ainda conforme Marcelo *et al.* (2013, p. 15).

duas circunstâncias contribuíram para que Rodrigues executasse seus projetos inovadores na UnB: o interesse de Darcy por seus móveis, que gerou o convite de execução das poltronas do auditório, além do interesse de Lúcio Costa pelo sistema modular de construção de habitações que ele inventara, denominado SR2.⁸

Nessas produções, o arquiteto e designer desenvolveu os móveis para a universidade, muitos deles feitos em jacarandá. Esses móveis incluíam cadeiras, poltronas, sofás, camas, mesas, escrivaninhas, estantes, púlpitos, entre outros. "É desse período a criação dos seguintes móveis: a Poltrona Candango (1962), a Poltrona Lia (1962), a Cadeira e Poltrona UnB e o Sofá Darcy (1963)" (Schlee *et al.*, 2014, p.26). Nos primeiros prédios, OCA I e OCA II, nomeados em referência à empresa, Rodrigues desenvolveu a construção utilizando o sistema SR2 – "Trata-se de uma estrutura composta de elementos modulados pré-fabricados em madeira" (*Ibidem*, p. 27). Verifica-se que o interesse de Darcy e Lúcio Costa era pela produção de móveis e imóveis práticos, de rápida fabricação, que conferissem um ar de modernidade aos ambientes, em harmonia com o padrão urbanístico moderno da Capital. Essa foi, sem dúvida, a principal característica da cultura material da Universidade de Brasília no momento de sua instalação, processo que, como vimos, foi acompanhado de perto pelo *Correio Braziliense*.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar o processo de instalação da Universidade de Brasília através da cobertura jornalística do diário local, o *Correio Braziliense*, desdobrado em duas questões: Que aspectos da instalação da Universidade foram cobertos pelo *Correio Braziliense*? Qual a posição do jornal em relação à instituição?

Sobre a primeira questão, foi possível observar que, dentro do fenômeno histórico que podemos denominar de instalação da Universidade de Brasília, o *Correio Braziliense* cobriu aspectos burocráticos, acadêmicos e da cultura material da instituição. No aspecto burocrático, evidenciou a originalidade do processo de gestão pelo qual seria conduzida a instituição, enfatizando o papel do seu Conselho Diretor. No espectro acadêmico, deu ênfase à forma diferenciada como os cursos seriam organizados, oferecendo aos estudantes cursos troncos comuns que, depois, seriam afunilados pela escolha das carreiras específicas em que desejavam formar-se, organização acadêmica já garantida mesmo a título provisório, desde o início do funcionamento da UnB. No que toca à cultura material do novo estabelecimento

7 O nome foi escrito errado na reportagem. Onde lê-se Sérgio Ribeiro deve-se ler Sérgio Rodrigues.

8 Sigla que indica as iniciais do nome do arquiteto.

universitário, o *Correio* enfatizou o caráter moderno de seus edifícios e móveis – e do próprio processo de construção/fabricação –, mostrando que até nos detalhes estava sendo materializada a proposta inovadora de ensino que a Universidade de Brasília queria representar, tanto no cenário local quanto nacional.

Em relação à segunda questão, podemos afirmar que o jornal *Correio Braziliense*, seja no conjunto de matérias ou em colunas específicas como as de Ari Cunha, Katucha e Yvonne Jean, teve uma posição francamente favorável à instalação da Universidade de Brasília. Via nela um instrumento necessário para a consolidação da nova capital e, ao mesmo tempo, uma instituição formadora dos profissionais de que a cidade e o país necessitavam. De fato, não foram identificadas no recorte aqui analisado, críticas ou reservas ao que se vinha fazendo para que a UnB ganhasse vida, o que nos permite concordar com Robert Darnton (1996) que, no processo de instalação da Universidade de Brasília, o *Correio Braziliense* fez-se “ingrediente dos acontecimentos”, visando produzir uma opinião pública positiva em relação à UnB.

Por outro lado, emerge, na narrativa jornalística adotada pelo *Correio Braziliense*, uma certa retórica que visava associar a “invenção” da Universidade à “invenção” da própria cidade de Brasília. Assim como esta última fora planejada para representar a modernidade de um país em desenvolvimento – a meta síntese dos cinquenta anos em cinco de JK – a Universidade deveria ser reflexo desse espírito, modernizando e impulsionando o ensino superior no país, para o qual deveria tornar-se modelar. Não por acaso, o tom épico por vezes predominou na narrativa do jornal, ligando as duas histórias em uma só, visando enaltecer determinados atores que estavam à frente do processo de instalação da UnB, como mais um grupo de personagens que participava de uma “epopeia” maior: a da construção da própria capital no Planalto Central, dotando-a, dentre outros equipamentos, de uma instituição universitária nova e diferenciada, necessidade de um tempo de mudanças e transformações pelas quais estaria passando o país. De tudo isso participou, a seu modo, a narrativa do jornal *Correio Braziliense* sobre a instalação da Universidade de Brasília.

Referências

Fontes

Periódicos (Correio Braziliense)

Assinado decreto da fundação da Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 16 jan. 1962, p. 5.

Candangos homenageados. *Correio Braziliense*, Brasília, abr. 1962, p. 2.

Conselho: Brasília é irreversível. *Correio Braziliense*, Brasília, 1 jan. 1962, p. 1.

Construção da Universidade obedeceu ao ritmo Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 21 abr. 1962, p. 7.

Curso de arquitetura inicia-se amanhã. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 abr. 1962, p. 4.

Divulgados os planos para 62 da Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 19 jan. 1962, p. 7.

Esquina de Brasília. Mutirão, candangos e buritis. *Correio Braziliense*, Brasília, 21 abr. 1962, p. 4.

Esquinas de Brasília. Universidade “Bossa Nova”. *Correio Braziliense*, Brasília, 21 jan. 1962, p. 4.

Importantes leis sancionadas pelo chefe do executivo. *Correio Braziliense*, Brasília, 17 dez. 1961, p. 5.

Iniciadas ontem as aulas na Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 10 abr. 1962, p. 7.

Mais de Mil candidatos inscritos para a Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 fev. 1962, p. 8.

Marcados para 2ª feira exames vestibulares na Universidade. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 fev. 1962, p. 6.

Prevista para abril a inauguração dos prédios da Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 26 jan. 1962, p. 8.

Publicada a lei que criou a Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 dez. 1961, p. 8.

Reafirmação. *Correio Braziliense*, Brasília, 7 jan. 1962, p. 4.

Revelados os nomes dos candidatos aprovados à Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 23 mar. 1962, p. 8.

Sociais de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 1 mar. 1962c, p. 7

Sociais de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 10 jan. 1962a, p. 7.

Sociais de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 27 fev. 1962b, p. 9.

Universidade de Brasília iniciará cursos dia 9. *Correio Braziliense*, Brasília, 31 mar. 1962, p. 1.

Universidade de Brasília. *Correio Braziliense*, Brasília, 12 dez. 1961, p. 3.

Universidade do D. F.: exames vestibulares. *Correio Braziliense*, Brasília, 16 jan. 1962, p. 8.

Universidade iniciará cursos dia 9. *Correio Braziliense*, Brasília, 31 mar. 1962, p. 1.

Visto, Lido e Ouvido. *Correio Braziliense*, Brasília, 7 jan. 1962, p. 9.

Bibliografia

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Aspectos das culturas escolares da escola primária em Brasília nas colunas de Yvonne Jean (1962-1964). *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 24, n. 80, p. 318-331, 2024.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan.-abr. 2022a.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani.; ZIMMERMAN; Tânia Regina (Org.). *Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação*. São Carlos: Pedro & João Ed., 2022b.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna Visto, Lido e Ouvido (Correio Braziliense, 1960-1965). *História da Educação*, Porto Alegre, v. 26, p. 1-25, 2022c.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. Notícias da pré-escola no Distrito Federal: apontamentos de Yvonne Jean (1960-1964). *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, p. 1-19, 2021.

BOMENY, Helena. Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, p. 1003-1028, 2016.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso do CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan.-abr. 2020.

D'AMORIM, José Salomão. Correio Braziliense: a força e a fraqueza de um jornal. In: SINDICATO dos Jornalistas Profissionais do DF (Org.). *Jornalismo em Brasília: impressões e vivências*. Brasília: Lantana Comunicação, 1993.

DARNTON, Robert. Introdução. In: DARNTON, R.; ROCHE, D. (Org.). *Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, Marília Bárbara da. *Darcy Ribeiro e a Fundação Universidade de Brasília: uma perspectiva histórica e educativa (1960-1964)*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2021.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas (SP), n. 1, p. 9-43, jan.-jun. 2001.

MORELLI, Ana Lúcia. *Correio Braziliense: 40 anos – do pioneirismo à consolidação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

NÓBREGA, Juliana Regina Avelar da *et al.* Darcy Ribeiro e o projeto da Universidade de Brasília: uma prática em processo. *History of Education in Latin América – HISTELA*, Natal, v. 4, p. 1-21, 2021.

PESEZ, Jean-Marie. A história da cultura material. In: LE GOFF, Jacques *et al.* (Org.). *A Nova História*. Coimbra: Almedina, 1990.

RIBEIRO, Darcy. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SALMERON, Roberto. *A Universidade interrompida*. Brasília 1964-1965. Brasília: Ed. UnB, 2012.

SCHELEE, Andrey Rosenthal *et al.* *Registro Arquitetônico da Universidade de Brasília*. Brasília: Ed. UnB, 2014.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan.-mar. 1961.

UNB (Org.). *Plano orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Ed. UnB, 1962.

VASCONCELOS, Gilberto. Dados biográficos. In: ABREU, Talita Aparecida. *Katucha*. A epopeia de Brasília e dos seus pioneiros contada dia a dia. Brasília: Horizonte, 1983.